

# ABORDAGENS PSICOLÓGICAS NO ROMANCE *VISTA CHINESA*, DE TATIANA LEVY: UM OLHAR SOBRE O TRAUMA DO ESTUPRO

\*\*\*

## PSYCHOLOGICAL APPROACHES IN THE NOVEL *VISTA CHINESA*, BY TATIANA LEVY: A LOOK AT THE TRAUMA OF RAPE

Tais Turaça Arantes<sup>1</sup>  
Victoria Azevedo Lima dos Santos<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 11/09/2021

**Data de Aceite:** 10/10/2021

**RESUMO:** O presente artigo possui como corpus o livro *Vista Chinesa*, da autora Tatiana Levy, cuja análise versará sobre o trauma do estupro. Os teóricos utilizados para o embasamento teórico são: Pennebaker (2011; 2013), Kolk (2020), Foucault (1992), Deleuze (1997), Leahy (2018), Dalgalarrodo (2018), entre outros. As análises realizadas buscaram relacionar o trauma do estupro com a despersonalização, medo pelos filhos, escrita expressiva e desdobramento da escrita terapêutica. A metodologia é qualitativa. Os resultados demonstram que a literatura retrata aspectos importantes da nossa sociedade, mais especificamente, assuntos que ainda precisam ser debatidos constantemente, e, que a psicologia pode ser utilizada como método de análise, tendo em vista as contribuições significativas dessa área de estudos no que tange à compreensão do comportamento humano.

**PALAVRAS-CHAVES:** Estupro. Trauma. Literatura.

**ABSTRACT:** This article has as its corpus the book *Vista Chinesa* by the author Tatiana Levy and the analysis will deal with the trauma of rape. The theorists used for the theoretical basis are: Pennebaker (2011; 2013), Kolk (2020), Foucault (1992), Deleuze (1997), Leahy (2018), Dalgalarrodo (2018), among others. The analyses carried out sought to relate the trauma of rape with depersonalization, fear for children, expressive writing and the unfolding of therapeutic writing. The methodology is qualitative. The results demonstrate that literature portrays important aspects of our society and issues that still need to be constantly debated and that psychology can be used as a method of analysis given the significant contributions to understanding human behavior.

**KEYWORDS:** Rape. Trauma. Literature.

---

1 Doutora em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), *câmpus* do Rio de Janeiro/RJ; e Doutoranda do curso de Pós-graduação *Stricto-sensu* em Letras (CIÊNCIA DA LITERATURA), *câmpus* do Rio de Janeiro/RJ. Contato: taistania@gmail.com

2 Mestranda do curso de Pós-graduação *Stricto-sensu* em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), *câmpus* do Rio de Janeiro/RJ.

## Introdução

*Vista Chinesa* é um romance de autoria de Tatiana Salem Levy, lançado em 2021. O livro traz em seu escopo uma carta de uma mãe para os seus filhos sobre um fato ocorrido com ela. Mas, esse fato não é algo tão simples de ser traduzido em signos verbais, sendo algo marcado dentro dela com uma ferida, que é tão profunda e, ao mesmo tempo, tão rasa. Profunda, pois a mudou de dentro para fora. Júlia, a personagem e vítima que acompanhamos ao longo das 109 páginas, tem essa ferida rasa, pois está acompanhada pelo trauma de violação de seu corpo, pela memória dolorosa do estupro.

O livro é uma carta, testamento ou testemunho como a própria personagem verbaliza em alguns momentos, destinada para Antonia e Martin, os filhos de Júlia. A escrita em primeira pessoa nos revela a aflição interior de Júlia, pois a personagem precisa contar para os filhos algo que aconteceu antes do nascimento dos mesmos. Todos os momentos traumáticos estão na carta, desde o estupro, como também os momentos que sucederam ao fato, que podem se dizer que se configuram como uma extensão do trauma. A autora Tatiana Salem nos apresenta, por meio de sua personagem central, os problemas que um estupro causa à vítima dentro de uma sociedade machista. O machismo cultural é uma violência contra a mulher, como explica a teórica Eva Blay:

A vida cotidiana é permanentemente atravessada pela violência. Poderíamos apontar fatores que favorecem o crime, tais como: os problemas econômicos, a ausência de serviços mínimos de saúde física e mental que deveriam ser providenciados pelo Estado e, sobretudo, o machismo cultural que considera a mulher uma propriedade do homem. Tudo junto provoca no cidadão e na cidadã o sentimento de que está abandonado e que se quiser justiça deve fazê-la com as próprias mãos. (BLAY, 2008, p. 2017).

O machismo foi algo que contribuiu para que Júlia tivesse que esconder o que aconteceu com ela. Em nossa sociedade, a mulher é ensinada para que seja corajosa o tempo todo, ao mesmo tempo em que ela não pode se sobressair à figura masculina. A mulher pode ser aquela que ajuda financeiramente na casa,

no entanto, em muitos casos, é a pessoa que precisa administrar todos os afazeres domésticos. Para se entender um pouco mais sobre o machismo relacionado ao estupro é preciso voltar-se para a narrativa de Júlia, que vive o ano de 2014 e mora na cidade do Rio de Janeiro. Todos estão eufóricos com a Copa do Mundo que acontece em território nacional e com o futuro acontecimento das Olimpíadas de 2016. A personagem em questão é sócia de um escritório de arquitetura que está trabalhando em alguns projetos na futura Vila Olímpica. No dia que teria uma reunião com a prefeitura sobre o projeto, Júlia saiu para correr no Alto da Boa Vista. Em um certo momento, alguém encosta uma arma em sua cabeça e a leva para ser estuprada no meio da mata.

A autora, quando indagada em uma entrevista, que se já era difícil para uma vítima de abuso falar sobre o trauma, imagina-se no caso de um estupro, a resposta de Tatiana Salem foi “esse é o pior dos crimes do machismo — ainda mais quando há uma sobrevivente. E está muito associado à vergonha, à ideia da honra e, principalmente, da culpa. A mulher ouve que ela deve ter feito algo, que estava no lugar errado, que foi correr no horário errado, com a roupa errada”<sup>3</sup>.

Existe o peso de uma culpa que não deveria estar nos ombros das vítimas, devido a sociedade machista em que nos encontramos. Esse peso leva a personagem Júlia a escrever para os seus filhos, devido a tudo que acontece com a personagem e os reflexos que a obra de Tatiana traz em seu escopo de nossa sociedade. O presente texto busca discutir algumas concepções psicológicas associadas ao romance *Vista Chinesa*, elucidando a prática de escrita expressiva, utilizada como ferramenta terapêutica. Serão apresentados os aspectos relacionados aos traumas vividos pela personagem e, por fim, o papel que a escrita expressiva pode ter exercido para a personagem, bem como para a própria autora<sup>4</sup>.

---

3 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/26/livro-da-vez-tatiana-levy-fala-de-vista-chinesa-que-narra-estupro-real.htm>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

4 Aqui estamos falando apenas da questão de que escrever pode ajudar qualquer indivíduo a colocar no papel os seus pensamentos e mesmo que a pessoa em si não tenha sofrido o evento traumático, conhecer alguém que sofreu pode impactar a vida da pessoa, mais para frente nesse texto irá se abordar alguns aspectos da vida pessoal da autora Tatiana e de como isso a levou a escrever o romance *Vista Chinesa*.

## 1. Aspectos do Trauma

De acordo com o dicionário<sup>5</sup>, trauma é uma agressão ou experiência psicológica muito violenta. A palavra *trauma* tem a sua origem do grego (τραύμα = ferida) e “consiste em um acontecimento na vida caracterizado pela intensidade, pela incapacidade de o sujeito responder de forma adequada pelos transtornos e efeitos patogênicos duradouros na organização psíquica” (AZEVEDO; BRANDÃO, 2019, p. 9). Sendo assim, o trauma é uma resposta emocional a algum acontecimento terrível na vida de um indivíduo, podendo ser um acidente, estupro ou presenciar um desastre natural. Imediatamente, após viver alguns desses tipos de eventos, o choque e negação são algo comuns. No que tange as reações de longo prazo, elas incluem emoções imprevisíveis, *flashbacks*, relacionamentos tensos e até sintomas físicos, tais como dores de cabeça ou náuseas. Embora esses sentimentos sejam normais, algumas pessoas possuem grande dificuldade em seguir em frente com suas vidas e, por isso, procurar por ajuda é algo necessário<sup>6</sup>. Azevedo e Brandão (2019, p. 9) também explicam que o traumatismo:

corresponde a um afluxo excessivo de excitações, relativo à tolerância do indivíduo e à sua capacidade de dominar e de elaborá-lo psicicamente. Esse afluxo excessivo de tensões pode ocorrer devido a um acontecimento muito violento (emoção forte) ou ao acúmulo de excitações que o aparelho psíquico não foi capaz de descarregar. Dito de outro modo, o trauma é uma vivência que, no espaço de pouco tempo, aumenta demasiadamente a excitação da vida psíquica, de tal modo que a sua liquidação ou a sua elaboração pelos meios habituais fracassa, acarretando em perturbações duradouras o funcionamento energético.

Existem diversas experiências que podem ser consideradas traumáticas, podendo ser causadas por uma negligência parietal, abuso sexual, violência física ou psicológica, entre outros. O que pode ser um evento traumático para um pode não ser para outra pessoa, pois a interpretação da situação exerce um papel importante no processamento cognitivo e emocional dos eventos. Guerra et. al. (2017) explicam que um evento traumático pode causar alterações emocionais e alterações físicas. A seguir, as alterações emocionais:

---

5 Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/trauma>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

6 Disponível em: <https://www.apa.org/topics/trauma>. Acesso em 09 de agosto de 2021

- **Senso de desamparo.** O mundo parece um local perigoso; as vítimas não possuem confiança em seu julgamento e competência para lidarem com o mundo.
- **Raiva por ser uma vítima.** Uma ira intensa geralmente é expressada em relação aos membros da família e aqueles que tentam ajudar; inversamente, às vezes existe uma incapacidade para expressar qualquer raiva, por qualquer motivo.
- **Senso de ter sofrido dano permanente.** As vítimas de estupro podem sentir que jamais voltarão a ser atraentes.
- **Incapacidade para confiar ou ter intimidade com outros.** Pode incluir perda da fé em instituições como a polícia e os tribunais. As vítimas são ajudadas quando sabem que há meios socialmente aceitáveis a sua disposição, tais como, prisão e condenação do esturador.
- **Preocupação persistente com o crime.** A preocupação excessiva com o crime e seus detalhes pode alcançar o ponto da obsessão. (GUERRA; RODRIGUES; CARMO; CRUZ, 2017, p. 2).

Uma pessoa que sofreu um trauma pode sentir uma série de emoções de imediato ou a longo prazo, depois do ocorrido. Essas pessoas podem sentir que estão desamparadas, oprimidas, chocadas e com extrema dificuldade de relatar as suas experiências. Um dos motivos pode ser o fato de que outras pessoas nunca compreendem de fato o que aconteceu com a pessoa que viveu o trauma. Nesse sentido, um exemplo é o que a personagem Júlia descreve em sua carta: “há dias que acho que isso vai passar, não sentirei o mesmo desconforto diante do espelho, voltarei a ser bonita, a gostar do meu corpo, que tudo afinal é, como dizia o pai de vocês, uma questão de paciência” (LEVY, 2021, p. 43). Claro que não se pode deixar de explicar que um evento traumático pode atingir aqueles que vivem em volta da pessoa traumatizada, mas, pode-se dizer que, às vezes, para a vítima, essa percepção pode não existir, como se o sofrimento fosse algo que tivesse acometido somente a sua vida de forma mais dura.

O trauma pode trazer efeitos considerados patológicos para a vida de uma pessoa se, com o passar do tempo, a intensidade dos sintomas correlatos ao trauma persistirem. A manifestação patológica de sintomas de trauma persistentes é denominada Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), que é caracterizado por:

lembranças ou recordações vívidas que invadem a consciência do indivíduo que passou pelo trauma, os chamados flashbacks (ou em forma de pesadelos). Estes, com frequência, se acompanham por emoções fortes e profundas, com ansiedade, medo e/ou horror e sensações físicas marcantes. Ocorrem, assim, de forma recorrente, a intensa sensação física e/ou sentimentos de que se está imerso nas mesmas emoções de quando se experimentou o evento traumático. (DALGALARRONDO, 2018, p. 660).

Com o caminho da leitura podemos perceber que a personagem Júlia preenche alguns dos critérios para o diagnóstico de TEPT. Na narrativa não linear de sua carta, a personagem relata vários momentos de consultas com sua psicóloga. Em alguns desses momentos, falar sobre qualquer assunto era impossível. Como Kolk (2020) explica, o trauma é uma experiência insuportável e intolerável, e as vítimas, sendo as de estupro ou de abuso sexual, ou os soldados que voltaram da guerra, ficam na maioria das vezes tão perturbados que não conseguem refletir sobre suas experiências, tentando jogar fora de sua mente o ocorrido. As pessoas traumatizadas precisam fazer um grande esforço para conseguirem levar as suas vidas adiante, pois ao mesmo tempo que se precisa demandar uma grande energia para que se consiga viver uma vida normal, também há que se carregar as lembranças do terror, da vergonha, da fraqueza e do sentimento de vulnerabilidade. Quando se acompanha a personagem Júlia é notável que a personagem faz um grande esforço para continuar a sua vida. Até mesmo o ato de querer viajar para o México demonstra a sua batalha contra o próprio trauma.

A seguir, serão avaliados outros aspectos do desdobramento do trauma vivido por Júlia, como a despersonalização e o medo pelos filhos, assim como, o caminho que Júlia tomou em seu processo de assimilar o trauma, qual seja: a escrita expressiva.

## **2. Apresentação dos aspectos psicológicos**

Com a breve discussão sobre o trauma e os seus impactos na vida de uma pessoa, parte-se agora para uma interpretação da obra *Vista Chinesa* à luz da psicologia.

## 2. 1 Despersonalização

Segundo a Associação Americana de Psicologia, a despersonalização consiste em “experiências de irrealidade ou distanciamento da própria mente, de si ou do corpo” (APA, 2014, p. 291). A despersonalização é o estado no qual uma pessoa sente que ela mesma ou o mundo a sua volta é irreal. Além dessa sensação de irrealidade, a despersonalização pode envolver a percepção de que a mente está dissociada do corpo<sup>7</sup>. As pessoas que passam por despersonalização (sensação de o que o *self* não é real) e desrealização (sensação de que o mundo não é real) estão refletindo sobre um problema de saúde mental. No caso da personagem Júlia, a despersonalização é uma resposta ao evento traumático avassalador que ela sofreu; no que diz respeito ao momento de intimidade sexual com o marido, é possível identificar as características de despersonalização em seu relato. Tal fato ocorre, pois Júlia deseja o contato sexual com seu parceiro, mas ainda assim, possui dificuldades para fazê-lo após a experiência traumática.

A experiência de despersonalização é elucidada na narrativa quando Júlia relata o sexo utilizando máscaras: “caminhei lentamente, como se tentasse **me ajustar ao meu novo ser**, [...] senti que a máscara ficava perfeita em mim [...]. Esfreguei o meu corpo no seu. Ele quis erguer a máscara para me beijar, não deixei. **Com a máscara, eu não era eu**, e era nessa ausência de mim que eu me sentia mais eu mesma” (LEVY, 2021, p. 71, *grifo nosso*).

Alguns exemplos de despersonalização, durante um evento traumático, podem incluir a experiência fora do corpo, em que a vítima se utiliza disso para ter o sentimento de que aquilo não está acontecendo com ela. Assim como o estado de desrealização faz com que a pessoa, durante o evento traumático, tenha o sentimento de que aquilo não é real<sup>8</sup>. O uso das máscaras no ato sexual pode ter ocorrido dentro da narrativa de Júlia como uma reação ao seu trauma, em que ela conseguiu se distanciar da situação traumática vivida por ela.

## 2.2. O medo pelos filhos

Em determinado momento do livro, Júlia aponta um misto de medo e

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.britannica.com/science/depersonalization>. Acesso em 7 de setembro de 2021.

<sup>8</sup> *Idem* 5.

frustração relacionados a um de seus filhos, que, no caso, será do sexo feminino. Ela diz:

mas aí na ultra de vinte semanas o médico disse, que alegria, é um casal, podem comemorar, e o Michel comemorou, ele queria muito uma menina, mais que tudo uma menina, e eu fingi que comemorei, mas nos dias seguintes o enjoo voltou, azia, embrulho no estômago, cansaço, que não eram da gravidez, **eram da notícia, da menina se revirando lá dentro, eu pensando, menina não**, e depois eu dizendo a mim mesma que não deveria pensar as coisas. (LEVY, 2021, p. 28. *Grifo nosso*).

Esse receio pode estar relacionado à própria vivência do estupro, tendo em vista o contexto social no qual existe a maior probabilidade de mulheres serem estupradas. A 14ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020<sup>9</sup> mostra que a violência de gênero é algo predominante em nosso território e que uma mulher é estuprada no Brasil a cada 8 minutos.

Júlia foi inspirada em uma amiga da autora, Joana Jabace, que, na vida civil, foi estuprada. A personagem é uma vítima dentro da narrativa e quando ela sabe que está grávida de uma menina, é como se ela vivesse novamente o mesmo evento traumático, visto que ela não teme pelo filho homem que carrega em seu ventre, mas pela filha, que um dia se tornará mulher nesse país.

A azia e o embrulho no estômago podem ser sintomas da ansiedade ocasionados pela notícia de uma filha do sexo feminino. A personagem não escreve detalhadamente que ela teme pela vida futura de sua filha, mas faz essa reflexão no momento em que escreve “menina não”. Nesse trecho, fica claro o amor que ela sente pelos filhos, principalmente pela menina, isto é, o medo dela crescer em uma sociedade que, muitas vezes, ou quase sempre, responsabiliza a vítima pelo ato<sup>10</sup>.

---

9 Dados disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/18/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2020.htm>. Acesso em 7 de setembro de 2021.

10 Vide o caso que o advogado de um réu joga toda a culpa da vítima em suas roupas, mostrando fotos de quando a mulher era modelo durante um julgamento. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/16/luto-e-dor-invisiveis-como-o-estupro-afeta-a-saude-mental-das-vitimas.htm>. Acesso em 7 de setembro de 2021.

### 2.3. Escrita expressiva (analogia)

Para compreender o que acontece, as pessoas realizam uma interpretação cognitiva da realidade, se um evento traumático acontece ou alguma imposição de grande transição da vida, é demandado grande esforço cognitivo para o processamento a experiência. Os pensamentos do evento podem manter a pessoa sempre em estado de alerta. Isso possui grande influência na qualidade de vida, visto que será necessário grande esforço para manejar a experiência cognitiva e emocional relacionada ao trauma, enquanto se vive e interage no cotidiano, que também demanda o processamento cognitivo da realidade.

Dessa forma, traduzir o trauma em linguagem escrita, pode ser uma forma de processar a experiência traumática que beneficie o indivíduo. Pennebaker e Ferrell respondem à pergunta “Por que escrever funciona?”, assinalando que o confronto com as experiências dolorosas, por meio da escrita, pode diminuir o impacto da experiência traumática na intensidade emocional da pessoa que sofreu o trauma (PENNEBAKER; FERRELL, 2013). Além disso, através da escrita pode-se transformar a experiência em algo mais visível, palpável e compreensível (BENETTI; OLIVEIRA, 2016).

A humanidade já utiliza a escrita como meio de comunicação e para expressar os seus sentimentos por meio dessa arte, Deleuze (1997, p. 11) nos explica que “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida”; a percepção de Foucault (1992) sobre o escritor era de um sujeito histórico em nosso mundo, um sujeito dentro do mundo, vigiado pelo poder e pela História social que o cercava.

Existe um número crescente de estudos na área da psicologia que mostram que a escrita expressiva pode beneficiar o processamento do trauma, Leahy (2012) aponta “efeitos positivos nos resultados para uma gama de índices de saúde psicológica e física, desde efeitos pequenos a moderados” (p. 412). No entanto, é necessário se atentar ao fato de que per se, a escrita expressiva pode não contribuir unicamente para o tratamento de uma experiência traumática como acontece com o vínculo com a experiência traumática, provavelmente não existe um único mediador que possa explicar o poder da escrita. Um modo promissor de

utilizar a escrita expressiva é a tradução das emoções em formato de linguagem. Em termos metafóricos seria como transformar uma experiência analógica - a emoção -, em uma digital - a escrita (PENNEBAKER; CHUNG, 2011).

Os pesquisadores Burton e King (2008) questionaram qual seria o tempo ideal que se deveria escrever para desfrutar dos benefícios da escrita, os pesquisadores fizeram um referencial teórico que apontava que na maioria das pesquisas, os participantes escrevem de 15 a 20 minutos por dia durante 2 a 3 dias, assim como demonstram como resultado de sua pesquisa que a escrita terapêutica trazia benefícios para quem a praticasse, principalmente no sono.

A escrita expressiva diz respeito à uma forma de reflexão que ocorre por meio do texto escrito, de maneira a elaborar a realidade dos sujeitos. Foucault afirma que “[...] como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em ethos” (FOUCAULT, 1992, p. 134).

Porque a escrita foi tão importante para a personagem Júlia? Em determinado fragmento, Júlia afirma “[...]decidi escrever uma carta para eles, continuei contando de uma forma que eu nunca contei. Me veio essa ideia dos detalhes. Que a cura talvez venha pelos detalhes. São os detalhes que vão me livrar do todo (LEVY, 2021, p. 64).” Como forma de expurgar sensações de uma experiência vivida, a escrita utilizada por Júlia é análoga à técnica de escrita expressiva utilizada em processos psicoterapêuticos.

### **3. Desdobramentos da escrita terapêutica**

Começa-se esse tópico com a seguinte pergunta: A escrita expressiva tem algum desdobramento para a personagem e para a autora do romance? A partir da discussão realizada no tópico anterior compreendeu-se que a escrita tem um papel importante para a personagem Júlia.

De acordo com Kolk (2020, p. 9) “o trauma afeta não só as pessoas que o sofreram diretamente como também as que as rodeiam” O livro *Vista Chinesa* é baseado em fatos reais, mais precisamente, narra a história de uma das melhores amigas de Tatiana Levy. Além disso, a autora conta que sua mãe já foi estuprada durante um assalto. Então, é possível refletir se essa escrita não assume um papel,

de certa maneira, de escrita expressiva para a própria autora.

No programa “Conversa com Bial”, Tatiana conta a respeito do estupro que aconteceu com a mãe dela: violentada no Rio de Janeiro quando Tatiana ainda era uma criança. A mãe da autora foi estuprada quando dois homens entraram em seu carro, no bairro de Ipanema, localizado na Zona Sul. Um dos homens viu que ela carregava as fotos das filhas em sua carteira e a ameaçou: “Se você quiser vê-las novamente, vai ter que fazer tudo que a gente mandar”. Tatiana diz que “essa frase me levou ao banco daquele carro aos quatro anos de idade”, e faz a seguinte interpretação “e nessa frase estava todo o inferno e também a salvação de tudo o que ela ia passar”. A autora explica que o estupro da amiga a inspirou a escrever o livro, pois para a autora defende a importância de se quebrar o silêncio sobre o estupro, mas ela também explica que “foi um diálogo meu com a minha mãe. A história da Joana foi o que me motivou a escrever, mas eu sou muito marcada pela história da minha mãe”<sup>11</sup>.

A escrita tem um grande valor terapêutico porque auxilia o indivíduo a fazer reflexões. As reflexões dão a possibilidade de examinar a experiência por vários ângulos. A partir da escrita a pessoa faz o exercício de reflexão sobre as questões e eventos que impactaram e moldaram a sua vida, possibilita o conhecimento sobre o significado pessoal da experiência estressante vivida. O ato de escrever se torna libertador quando provoca alguma mudança (BENETTI; OLIVEIRA, 2016). Entende-se que para a personagem Júlia a escrita da carta para os filhos teve um valor benéfico para a sua saúde.

## Conclusão

O livro *Vista Chinesa* traz muitas mensagens em seu escopo, contudo, uma precisa ser destacada: a denúncia do que ocorre no Brasil, principalmente sobre a violência de gênero. Mesmo que esse não tenha sido o cerne do artigo não se pode negar que a escrita de Tatiana Levy mostra o quão um estupro é traumático, assim como a luta que a vítima precisa travar após sofrer essa agressão. Muitas vezes a personagem Júlia era confrontada para que apontasse

---

11 Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/tatiana-salem-levy-revela-outro-estupro-que-a-influenciou-em-vista-chinesa-dialogo-com-a-minha-mae.ghtml>. Acesso em 7 de setembro de 2021.

logo o culpado, de modo que a polícia pudesse prender qualquer um, encerrando o caso, mais especificamente, sobre como as pessoas em volta de uma mulher estuprada cobram para que ela se recupere logo e que siga a vida normalmente. Outro aspecto importante sobre essa questão é quando ela vê o guarda-florestal. A personagem pensava que ele perguntaria se ela precisava de algo, visto o estado que ela estava, mas ele simplesmente a ignorou. Esse talvez seja o lugar que a sociedade machista quer que a mulher ocupe: o de insignificância.

Os aspectos psicológicos abordados nesse texto são uma tentativa de reflexão do leitor para compreender o que é o trauma de um estupro vivido pela personagem, assim como o de Joana e da própria mãe da autora. Essa cidade que o país e o mundo chamam de maravilhosa, na verdade nos revela uma outra face: o da degradação. Por isso que se volta ao início desse texto quando se diz que o livro *Vista Chinesa* é uma denúncia. É através dessa escrita que é possível acessar uma denúncia de que não só o Rio de Janeiro está em ruínas, mas todo o país. Em um momento em que discursos de ódio são proferidos por pessoas que ocupam altos cargos, a mulher sente-se cada vez mais cercada e com grandes possibilidades de perder seus direitos, principalmente os de fala.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AZEVEDO, L. J. C.; BRANDAO, E. P. Trauma e a transmissão psíquica geracional. *Ágora (PPGTP/UFRJ)*, v. 22, n.1, p. 8-18, 2019.

BENETTI, I. G.; OLIVEIRA, W. F. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. *Cadernos brasileiros de saúde mental*, v.8, n. 19, 2016. p. 67-76.

BLAY, Eva Alterman. *Assassinato de mulheres e direitos humanos*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2008.

BURTON, C. M.; KING, L. A. Effects of (very) brief writing on health: The two-minute miracle. *British Journal of Health Psychology*, v. 13, n.1, 2008, p. 9–14.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Artmed Editora, 2018.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GUERRA, Ana Claudia; RODRIGUES, Cláudia V. do N.; CARMO, Débora Cristina A.; CRUZ, Isabel. Síndrome do trauma de estupro: diagnóstico e prescrição de enfermagem. *Boletim NEPAE-NESEN*, v.14, n. 1, 2017.

KOLK, V. D. B. *O corpo guarda as marcas*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

PENNEBAKER, J. W.; CHUNG, C. K. *Expressive Writing: Connections to Physical and Mental Health*. Inglaterra: Oxford Handbooks Online, 2011.

PENNEBAKER, J. W.; FERRELL, J. D. Can expressive writing change emotions? An oblique answer to the wrong question. In: HERMAN, D.; RIMÉ, B.; MESQUITA, B. (Ed.). *Changing Emotions*. Reino Unido: Psychology Press, 2013. p.183-186.

LEAHY, R. L. *Técnicas de Terapia Cognitiva-*: Manual do Terapeuta. Artmed Editora, 2018.

LEVY, T. S. *Vista Chinesa*. São Paulo: Todavia, 2021.

MOURA, T. S.; SILVA, F. V. “Tem concerto” para a angústia: a constituição do sujeito ansioso e depressivo nas letras de Clarice Falcão e de Tiago Iorc. *Fórum Linguístico*, v. 17, n. 4, p. 5247-5263, 2020.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seus autores.